

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



"A condenação do tucano Eduardo Azeredo não prejudica o discurso ético do PSDB"
(Diz "Santo". Assim é apelidado Geraldo Alckmin nas fichas da Odebrecht)

A Justiça condenada

► O povo brasileiro não confia nela, diz a pesquisa. As razões são muitas, uma delas é a diversidade de decisões dos tribunais politizados. Entre Azeredo e Lula, por exemplo

A Justiça brasileira vai sair bastante chamuscada das batalhas nas quais se enfiou de forma inadequada. Uma incursão autoritária. Não se sabe se este é, tão somente, o reflexo ou o desvio da chamada "politização da Justiça". Não tem sido sempre assim? Livre-nos quem puder desse poder irrefreável da toga.

A ministra Cármen Lúcia, presidente do Supremo Tribunal Federal, rondou timidamente o problema. Ela fez recentemente uma autocrítica acanhada: "Nossa dificuldade é em cumprir as leis que nós temos (...) O nosso problema é cumprir leis", disse.

A ministra tem dúvidas. Oficialmente, talvez. A sociedade, porém, não as tem. Talvez tenha sido o esquecido historiador Capistrano

de Abreu a botar o dedo na ferida em socorro do povo "sangrado e ressangrado".

As leis brasileiras têm brechas criadas por quem fez. Estes caminhos mantêm o hábito de tardar e, às vezes, falhar. Para certos réus a roda do Poder Judiciário gira de forma lenta.

É o caso que se vê agora na prisão de Eduardo Azeredo, tucano, ex-governador de Minas Gerais. Durante 11 anos os advogados dele o livraram da cadeia.

Para outros réus os juízes pisam no acelerador. Foi assim no julgamento do ex-presidente Lula sob o martelo do juiz Moro e dos desembargadores que, nesta segunda instância, ampliaram a punição.

Quem duvida dessas facetas da opinião pública que leia as respostas colhidas pela pesquisa CNT/MDA. É cristalino, avassalador, o grau da corrupção entranhado na sociedade. Não se conhece exceção. Só mesmo as resistências individuais.

Em sessão na qual analisava o *habeas corpus* de Antonio Palocci, coube a Gilmar Mendes reagir contra as prisões preventivas decretadas por Moro e transformadas em definitivas. Pouco adiantou.

Perdeu e reagiu: "Esse sujeito fala com Deus?" A confiança na Justiça é surpreendentemente baixa. Está próxima da rejeição de Michel Temer: 71,3%. A confiança no Poder Judiciário supera o presidente da República.

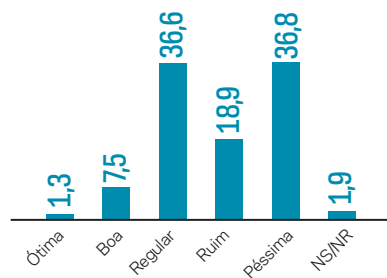
Em anos passados, na avaliação sobre as principais instituições do País, a Justiça ficava no cume do prestígio. Era superada apenas pela Igreja, pelos bombeiros e pelas Forças Armadas.

A Justiça não é o Supremo. A garantia das leis, inscritas na Constituição, no entanto, estão sendo atropeladas pelo Brasil afora.

O Congresso prepara a reação contra a Lava Jato. Instrumento político daqui e d'além-mar. Por boas e, lamentavelmente, por más razões. Para tudo começar de novo. •

AValiação DA ATUAÇÃO DA JUSTIÇA

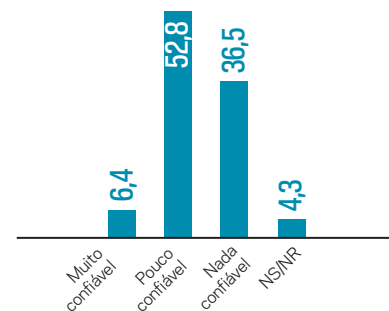
Maio de 2018, em %



Fonte: CNT/MDA

CONFIANÇA NO PODER JUDICIÁRIO

Maio de 2018, em %





Meirelles
eleva-se
a 1%...



... enquanto
Alckmin
cai

Peregrinos do voto

Ao receber o batismo político-eleitoral de Michel Temer, o ex-ministro Henrique Meirelles, de tantos governos, tornou-se mais um presidenciável disposto a desalojar Geraldo Alckmin, com a bandeira do “centro”. Os restantes candidatos desse inexplicável “centro” usam apenas a fantasia de concorrentes.

A vaga na reta final será ocupada por Meirelles ou por Alckmin. Ambos dão a partida em posição difícil: a necessidade de, rapidamente, inflar os resultados das pesquisas. Alckmin tem na pesquisa CNT/MDA recém-divulgada 8,7% na melhor hipótese. Em fevereiro de 2017, ainda no posto de governador de São Paulo tinha 9,1%. Caiu.

Meirelles, por sua vez, em algum momento das pesquisas alcançou o “elevado” porcentual de 1%.

O TSE teme Lula

Como sempre faz, no período de eleição presidencial, o Tribunal Superior Eleitoral promove campanha de orientação aos eleitores transmitida pela TV Justiça. No trabalho de agora, porém, o TSE cruzou do profissional para o político. “Não acredite em mitos eleitorais”, diz a voz do locutor.

O disparo tem Lula na mira. Quem pagou o marqueteiro? Luiz Fux, presidente do TSE, avalizou?



A voz é do locutor ou do ministro?

A favor da história

A morte de qualquer humano é lastimável, como a do influente jornalista Alberto Dines. E sempre se faz um balanço entre vícios e virtudes diante do óbito. No apogeu da profissão, na direção do *Jornal do Brasil*, Dines deu apoio ao desastrado golpe militar, em 1964, na derubada do presidente João Goulart. Em seguida, editou um livro, *Os Idos de Março e o Golpe de Abril*, no qual ampara o golpe contra Goulart, eleito democraticamente.

No curso da história do Brasil, a morte parece não ter diferencial. Quem morre aqui vai sempre para o céu.

Devaneios

O vereador Cesar Maia adiantou a roda do tempo no processo eleitoral. No blog no qual faz perguntas e dá as respostas a ele mesmo, Maia divulga resultados das apurações sem a referência a Lula. Uma decisão bruta próxima do delírio político.

Os institutos de pesquisa vão manter a íntegra dos questionários com o nome dos presidenciáveis. Sem exceção.

Rota de fuga

Há quem aposte que Dario Messer, “doleiro dos doleiros”, está refugiado em Israel.

Messer sempre foi um generoso contribuinte para o Estado de Israel. Aproximou o presidente do Uruguai, Horácio Cartes, do mundo judaico.

Alerta

Especialista, veterano da luta contra o tráfico, fala de uma das possíveis razões para o aumento da violência no Nordeste. A rota de exportação para os mercados da Europa passou a ser feita para a costa africana com aviões e embarcações de pequeno porte. A luta contra o tráfico não será vencida pelo confronto, pois expõe os moradores ao risco.

mauriciodias@cartacapital.com.br